

Proletários de todos os países: Uní-vos



ano primeiro
número dois



Comuna



órgão teórico dos
jovens comunistas
da FORTALEZA DE PENICHE



ano 1^o n^o 2
Junho 1936

DAVEL

PROGRAMA DE LUTA

GES
PCP



panorama inter-
nacional, cada vez
mais carregado
de nuvens negras;
desenha-se clara-
mente, ante os nos-
sos olhos, sem es-

conder a realidade atroz do
futuro e os duros sofrimentos
do presente.

A política post-guerra, que
arrastou a burguesia a um ou-
tro nível de desenvolvimento,
assentando em bases caóti-
cas, as suas contradições, criou
para a juventude operária uma
situação abominável, quer no
campo político, cultural ou econó-
mico.

A nossa geração, nascida com os
embates fortes da guerra, sentindo
como ninguém, as suas consequên-
cias, conhece todos os males que as-
solam a Humanidade.

Ela vive e sente na fábrica a fe-
rocidade do poder fascista, que
procura roubar, com um desca-
ramento inaudito, os seus redu-
zidos salários.

Esforçando-se nas oficinas, os
operários de 16 e 18 anos, sem di-
reitos à felicidade e ao prazer,
sem participação na vida, são
lançados no desemprego quando
o lucro patronal se reduz.

Trabalhando de sol a sol, o jovem
camponês não ganha para comer.

Com os olhos de obute, fitos na
guerra que resolve as suas contra-
dições, reduz a simples farrapos,
nos quartéis e na Armada, as ca-
madãs juvenis que, no campo e na
cidade, movimentam, com esforço
ciclópico, a sociedade burguesa.

A juventude, perante o fascismo,
adquiriu apenas deveres.

Deve ser obediente e submisso,
sofrer com resignação a miséria,
não reclamar mais salário quan-
do sentir a fome, arder de naciona-
lismo estúpido.

Tem direitos também. Ode morrer
soterrado numa mina, esmagado
por um andaime, esfacelado pe-
los patas dum cavalo, electrocutado
por um fio de alta tensão. As ener-
gias mais sãs da juventude ope-
rária e estudantil, são o marfa-

nhadas com ódio pelo poder do fascismo, que deturpa e emilece, procurando tornar numa submissa multidão de escravos essa pleiade de gente moça que já se ergue por toda a parte, clamando Pão e Justiça.

O fascismo dá-nos a guerra e nós queremos a Paz. O fascismo ensina-nos a odiar os povos e nós queremos estabelecer, com sólidas bases, os sagrados princípios da Fraternidade Universal.

O fascismo fecha-nos as escolas, os liceus e as universidades, cerceia-nos os nossos humanos desejos de cultura e nós aspiramos a um amplo esclarecimento científico, a outro nível de vida.

Queremos salários compatíveis com as nossas situações, queremos casas higiénicas, queremos aumento de direitos para os jovens camponeses.

Queremos Pão, Paz e Liberdade.

Em volta destas reivindicações precisam congregar-se os jovens camponeses, operários e estudantes, unidos pela mesma luta, sedentos da mesma ânsia de emancipação, procurando libertar-se do mesmo inimigo comum — o fascismo sangüinário.

Não esqueçamos uma das re-

soluções do VI Congresso do I.J.C.: «A causa da juventude trabalhadora dos países capitalistas exige, imperiosamente, a sua unificação em verdadeiras organizações juvenis sem-partido de massas, que incorporem não só a juventude comunista, mas também os jovens socialistas, os jovens sem-partido, nacional-revolucionários, pacifistas, religiosos e outros, organizações que, ao mesmo tempo, se preocupem com o cuidado diário dos interesses e direitos económicos, políticos e culturais da juventude trabalhadora, eduquem os seus membros no espírito do luto de classes, do internacionalismo proletário e do marxismo-leninista.»

**GES
PCP**

«De grande importância é a acção comum com os sindicatos pela conquista das possibilidades de trabalho e pelo seguro social para a juventude no desemprego forçado. É necessário realizar a obra dum ajuda concreta para a juventude e especialmente para as raparigas, por meio da organização de diferentes cursos de educação profissional, de casas comuns, de ozilos nocturnos, cursos especiais para raparigas e clubes. É agora de enorme importância o trabalho entre a juventude que se encontra nos campos de trabalho forçado» (Do I.J.C.)

TAREFAS NOVAS

GES
PCB

Muito se tem dito e variadíssimas são as opiniões - mesmo entre nós - acerca da nossa posição frente aos operários e camponeses religiosos e, em particular, à igreja.

Existe a tendência, filha ainda dos velhos tempos da propagação do republicano-jacobinista, para encarar o problema religioso, sob um aspecto "extremista". Este "esquerdismo" anti-religioso, sabiamente criado pela burguesia, só a ela convém.

O Partido já várias vezes tem posto em guarda o proletariado contra este terrorismo anarquista e pequeno-burguês, tendente a desviar a atenção, e "entreter" o proletariado em manifestações de hostilidade estéril que se não prendem directamente com a melhoria da sua situação.

Numa circular que fez sair antes do 18 de Janeiro, explicava detalhadamente as tarefas imediatas do proletariado logo após o derrubamento da ditadura e combatia sistematicamente as tendências terroristas.

Dizia então o Partido: Em pri-

meiro lugar o proletariado deve aproveitar-se da inconsistência provisória da burguesia e, - como disse Marx - faze-la cumprir ao máximo as promessas anteriormente feitas e depois, só depois, tendo em vista a manutenção dum estado de espirito revolucionário nas massas, ele deve ^{dirigir} ser não só contra a igreja, mas contra tudo o que simboliza a repressão.

A nossa posição, particularmente contra os religiosos sinceros, já mais poderá ser de hostilidade. Ela deve ser, ao contrário, tendente a um vasto trabalho de esclarecimento e aproximação. Os nossos esforços devem convergir no sentido de os puxar à luta e isolando-os dos dirigentes. Devemos fazer esclarecimento amplo, da maneira deles participarem nas nossas lutas.

A abordagem destes elementos deve ser feita simplesmente à base da luta pelo melhoramento das suas condições de vida. Paralelamente, devemos aclarar a maneira como são tratados os operários e camponeses religiosos na URSS, desmentindo as calúnias que a burguesia espalha a tal respeito.

Devemo-nos esforçar por lhes fazer compreender que o facto de serem religiosos não os põem de modo algum, à margem do nosso movimento. Acima de tudo são explorados e é só por essa condição que vêm até nós.

A juventude comunista, depois da realização do VI Congresso, avançou neste sentido bastante. As suas fileiras encontram-se, actualmente, abertas a toda a juventude explorada.



Façamo-nos escoteiros



Em todos os clubes e associações esperantistas, devemos de introduzir cursos sobre cultura diversa. Compreende-se que estes cursos nunca vão além das possibilidades notadas nestes centros de agrupação juvenil. Nas organizações escotistas é onde se nos apresenta maiores facilidades de trabalho. A "Associação dos Escoteiros de Portugal" é uma instituição de scots das mais antigas do nosso país; a par disto - que representa um ponto importante para o nosso problema - reúne outras condições, como: o escoteiro é, na regra geral, estudioso e amigo de aprender;

Ela é a organização da jovem geração portuguesa. Todo o jovem sincero, religioso ou não, que irá lutar contra o causador de todos os seus males, contra o de pauperizador do seu físico e o desperdiçador das suas faculdades intelectuais - o fascismo - tem nela guarida. Os operários e camponeses religiosos e, em particular, a juventude, que está nestas condições, deve lutar connosco pelo Pão, Paz, Liberdade e Cultura.

Tem, pela força do hábito, no apreendimento das provas que lhe permite subir de classe em classe, certas probabilidades em assimilar; coloca em alto grau os temas sociais e toda a sua permanência de escoteiro é passada no campo - acampamentos - nos quais se dedica a praticar uma vida análoga à dos primitivos índios americanos - peles-vermelhas.

A Fd. já em tempos teve entre estes, um forte baluarte comunista, no qual até um grupo completo chegou a ser célula comunista. Eles praticam "camping", o que lhes permite tratar de assuntos fora de toda a alçada policial. As suas sedes são sempre frequentadas por outros compo-



nheiros- confraternizações- haven
do assim meio de se estabelecer
um inter-câmbio cultural... ou po-
lítica.

Basta qualquer dos nossos ca-
maradas jovens filiar-se num
dêstes grupos, para, ao cabo de
poucos dias, ser considerado co-
mo irmão. Portanto, principiar
por ingressar neles, representa, em
princípio, "começar o nosso Traba-
lho pela prioridade da juventude".

Quem conhecer a psicologia dos
nossos jovens- principalmente dos
10 aos 17 anos- verá a inclinação
dêstes para tudo quanto "cheire"
a fardas, exercícios e paradas.
Pois bem em França os "Falcões
Vermelhos" e em Espanha os "pio-

nelros" têm farda e praticam
exercícios físicos ao ar livre; êstes
agrupamentos de moços são di-
rigidos e, portanto, controlados
pelas respectivas Federações
Comunistas.

Várias tarefas dêste género se
nos apresentam- no número pas-
sado já tratamos de grupos des-
portivos e clubes de "foot-ball"-
porém, destacam-se, em primeiro
lugar, os escuteiros. Há inúmeras
organizações destes em Portugal-
- mais no Porto e em Lisboa- e
nós temos de estar onde está a
juventude.

Primeiro coisa, fazer-se es-
coteiro; depois continuaremos
a falar sôbre isto.



PROCESSOS FASCISTAS

Estado fascista por-
tuguês, ciente da for-
ça revolucionária
da juventude, pro-
cura, a todo o tran-
se, deturpar-lhe a
sua consciência de classe, recoren-
do aos meios mais violentos e
às mais torpes mentiras para
conseguir os seus desejos.

No primeiro caso pertence
o último desígnio de militariza-
ção dos jovens universitários e,
ao segundo, a sua campanha de
calúnias contra as massas ju-

venis da União Soviética.

Aqui impõe-se um perseve-
rante trabalho de organização,
com o fim de agregar para um
trabalho de massas os alunos da
Universidade e de nos opormos,
conscientemente, às realizações
do govêrno fascista.

Al par desta tarefa, outra não
menos importante se nos ofere-
ce: a dum amplo esclarecimento
sôbre a vida dos jovens constru-
tores da Sociedade Socialista.

A todos os camaradas que se
encontram dentro da Fd., compe-

te, mostrar a todos os simpalizeres e aos seus amigos, quanto de forçante existe nas declarações das "entidades oficiais" sobre os jovens soviéticos; por-lhes, frente a frente, aspectos da vida juvenil portuguesa e aspectos da vida juvenil soviética; por exemplo: preguntar-lhes qual é a assistência à maternidade em Portugal

- que não é nada dentro das necessidades desta obra social - e contrapor o que se faz na U.R.S.S. nesta matéria, como se seja, a construção e criação - fora do domínio da teoria, como em Portugal - de maternidades e crèches para todas as Repúblicas. Como exemplo temos Moscú, onde existem 20 maternidades e 200 crèches, com instalações modernas e higiénicas; criando laboratórios especiais onde se assegura o tratamento do leite de mulheres, para a alimentação das crianças, a quem é impossível as mães alimentarem por motivos de doenças. Dão dois meses de licença antes e depois do parto, com os vencimentos integralmente pagos e tantas outras coisas.

É assim que se faz uma verdadeira assistência à maternidade. Depois de passada a primeira infância que acontece às crianças em Portugal?

A maioria continua numa

ignorância absoluta, por falta de meios dos pais para os mandar à escola e, portanto, não é nenhuma a sua bagagem de conhecimentos para vencer na vida.

Os que têm a felicidade de ir até lá, depois de concluídos os seus cursos, que lhes acontece?

Vêm-se na impossibilidade de se colocar e não conseguem encontrar uma saída para a sua situação, caindo, assim, um por um, todos, do sonho de felicidade e bem-estar que a sua juventude lhe sugeriu.

Que acontece na U.R.S.S.?

Todos os jovens têm a sua educação assegurada; são-lhe dados todos os meios para se cultivarem, como parques de cultura, bibliotecas, laboratórios; enquanto estudam são considerados operários e por isso subsidiados pelos fundos criados para esse fim e uma vez concluídos os seus estudos são colocados, tendo por isso, um futuro certo e que não constitui preocupação como sucede à juventude dos países burgueses. E com exemplos como estes que todos nós, os membros do Fd, devemos provar quanto carinho merece do Governo Soviético o problema dos jovens e que bem o prova a vida feliz da juventude russa.



Criticas juvenis



ma importante questão que se apresenta no decorrer da situação política actual do nosso país, ante a juventude, é a tarefa da sua colaboração na Frente Popular

A juventude trabalhadora é uma parte numerosa do proletariado e, como tal, sofre a exploração de que este é vítima, um pouco mais acentuada. Todas as suas aspirações culturais, políticas, e económicas, lhe são vedadas pelo salazarismo.

Nas cidades, vemos os jovens que conseguem adquirir os conhecimentos rudimentares, que lhes são ministrados na escola, impedidos de ingressar no ensino secundário; umas vezes porque têm de se deslocar às oficinas, outras porque o prosseguimento dos seus estudos acarreta despesas que vão sobrecarregar os paupérrimos salários da família. No campo, então, felizes os que conseguem aprender algumas noções rudimentares.

A política do Ministério da Educação Nacional, até há data materializa-se no encerramento dos estabelecimentos de ensino e na obrigatoriedade do uso do cruci-

fixo nas escolas que ainda se encontram abertas.

As liberdades políticas, sabemos quais são as que se permitem. Todos os que manifestem ideias que não estejam concordes com a ideologia salazarista, são puramente considerados hóspedes do governo nas masmorras do Ajube, Peniche ou Angra. Quanto à questão económica, a exploração de que são vítimas jovens pelo país fora com conhecimento e aprovação governamental, demonstramos, sobejamente, como ela é encarada nas esferas fascistas.

O aparecimento da Frente Popular, unindo as forças anti-fascistas dispersas, veio dar ao movimento oposicionista um grande impulso, tornando a Revolução que derrubará a ditadura, não já um acontecimento "provável", mas sim certa e poderosa.

Essa Frente Popular que agrupa, no seu seio, variadas ideologias políticas, mas anti-fascistas, não pode ser alheia à juventude portuguesa, cujos interesses são forçosamente afectados pela ditadura. A juventude clama por Liberdade, Pão, Cultura e Paz, pontos básicos do programa da Frente Popular e sob o égide da qual a juventude deve lutar.



QUESTÕES FEMININAS

urgiu com o aparecimento do Estado, o período de escravidão, mais ou menos feroz, em que o homem submeteu a sua companheira. Despoticamente encerrada nos geniceus, a mulher começou, séculos antes da era cristã, a sua fantástica epopeia de sofrimento.

Apenas ao marido foram concedidas todas as liberdades e a história da Grécia demonstramos, pela pena dos escritores burgueses, factos concretos deste primeiro período de escravidão.

No Idade Média, na atmosfera tórrida da conquista e do saque, a mulher viveu cercada de fatuidade, com que a conduziam, depois de alcançada a conquista amorosa, ao trono do sacrifício doméstico, que de então para cá, fez época e firmou raízes.

Não nos queremos perder numa análise minuciosa da situação actual da mulher, das jovens raparigas do nosso tempo, a quem estão cortadas todas as possibilidades de emancipação, mas não as deixaremos, também, passar em claro.

Ninguém hoje duvida que a juventude feminina vive encerra-

da num anel de fogo, que a moral burguesa estabeleceu, para que, transpôsto este, caia no todo contrário - o do chamado campo da perversão, que traduz apenas o combate às normas actuais.

Vivendo num âmbito de hipocrisia, a rapariga de hoje não se ensina a regra do viver em comunidade, antes pelo contrário; arrastam-na para a ignorância dos problemas juvenis. (?)

A sociedade burguesa nega à mulher a liberdade de amar, porque lhe nega o ingresso na vida, onde, ganhando para si, pode, de acordo com os seus sentimentos, escolher o homem estremecido. A educação que lhe pode incutir uma mentalidade profícua, é-lhe vedada, porque se torna feio que jovens raparigas possam confraternizar, lado a lado, com os rapazes da sua idade, nas escolas, nos liceus e nas Universidades.

Entre tanto, a moral burguesa, que condena a mulher livre que transpõe as portas do lar doméstico para entrar na vida, admite, no seu seio, os lupanares onde chafurdam seres que, pela miséria, foram arrastados até lá.

Não há falta de adv. moralista.



Com o advento da máquina, a mulher ocupou na sociedade um lugar mais amplo. O ingresso desta na fábrica, deve-se, porém, à ganância do capitalismo que a explora com muito mais proveitosos resultados do que ao homem, que, pela sua condição anterior de assalariado, não se deixa tão facilmente expoliar.

Porém, a imprensa burguesa, tentando encobrir as suas condições, aponta, como causa do desemprego, a ocupação de todos os lugares pelo sexo feminino.

O futuro da mulher aparece, dia a dia, mais nubeloso. Temendo o encargo dum lar, desejando casar-se, impossibilitados, porém, pelas suas condições económicas, os jovens gastam-se nos prostíbulos, e onde facilmente satisfazem as suas necessidades sexuais.

Entretanto, elas, sem amparo de espécie alguma, esperam a salvação do primeiro que chega. Esta situação, o roubo descorado nos salários, a falta de direitos de toda a espécie, acrescida da grave situação económica, criam nela uma base de reivindicações, ao encontro das quais nós necessitamos ir.

O trabalho feminino da nossa juventude, que, até agora, tem gravitado num estreito círculo, precisa alargar-se no seu raio de acção, tanto nas fábricas

como nas escolas, nos liceus e nos cursos superiores. Dois pontos fundamentais se colocam ante nós como tarefa imediata - a luta contra a guerra e o fascismo - e par dum esclarecimento activo do internacionalismo proletário e da doutrina de Marx, Lênine e Staline.

A guerra, que à jovem aparece como o pior dos cataclismos, pois rouba-lhe do seu convívio os entes mais queridos, constitui forte motivo para o ódio e para o combate a quem a deseja. O esclarecimento pormenorizado das suas causas, apontando, como factor único, o fascismo, com a sua política de opressão e de saque, levam-na à compreensão do problema real da nossa época. Em Portugal, onde, até hoje, nada se fez neste campo - no combate titânico à guerra e ao fascismo - da parte das mulheres, as nossas tarefas neste sentido têm de fazer-se notar sem demora.

Debajo das consignos de luta contra a guerra e o fascismo, acompanhando as aspirações económicas das jovens trabalhadoras e intelectuais, devemos nos esforçar no sentido de erguermos o seu nível cultural e político. Recrutemos para as nossas fileiras, com uma persistente convicção, as nossas camaradas

da fábrica ou da escola. Confraternizemos o esforço braçal feminino com o esforço intelectual dos liceus e das universidades, criando no próprio seio da legalidade fascista, grêmios culturais

grupos esperantistas, etc., ou aproveitando os já existentes para, por seu intermédio, erguermos a educação mental dos jovens operários, tornando-os aptos para a luta.

GES
PCP

Aspectos da vida na URSS

A juventude soviética não dá conta se não da existência de uma outra espécie de parentela, de um outro género de amor, além do da família, do lar doméstico e da sopa fumegante — é o da máquina que não pode estar de folga.

A revolução é personificada por uma quantidade inumerável de máquinas. É o entusiasmo, tendo a forma de um homem vestido de blusa azul, com ou sem bigode, jovem ou velho, entusiasmo que figura nos papéis da fábrica, sob diversos nomes, pronomes e patrimónios.

Em toda a parte, nos trabalhos enos prazeres, uma seriedade, uma decência, um rigor digno de metodistas americanos.

Nos parques vêem-se muitos jovens atletas apontar-se a florete ou a sabre, ardentes efébos em calção, filas de ginas

tas dos dois sexos, marchando altivamente, ao som de músicos militares, fazendo a rotação do tronco e a elevação dos braços; encontram-se desfiles de jovens comunistas com bandeiras vermelhas, apresentando armas diante da estátua de Lenine ou nas paradas. Por toda a parte a oustridade de "exércitos saudáveis".

A mulher é igual ao homem, tanto em direito como em factos, tal é o primeiro dos grandes princípios na URSS. Ela tem direito aos mesmos empregos, aos mesmos postos, com o mesmo salário. Ela penetra em todos os domínios, sem excepção, da classe, desde simples trabalhadores até ao Conselho de Comissários do Povo. Nos tribunais, nas administrações de indústria, nas missões diplomáticas a cidadã tem o mesmo título que o camarada.

E para que não se ignore isto, a polícia dos ruas é assegurada



em Moscú, por todos os meios pelos milicionários de dois sexos; a Lei Soviética assegura-lhe o mesmo soldo e a mesma equipe.

O amor campeia tal como ele é, porque é o amor o único laço que na Rússia une um homem a uma mulher. A liberdade de um só permite-lhe romper os laços conjugais.

Quando há filhas o Tribunal popular deve pronunciar-se e regular, conforme o caso, a sua situação. Avalia-se em 20% por ano o número de divórcios.

O desenvolvimento económico da União, não é a única preocupação do proletariado soviético.

O cuidado da ^{maternidade} primogenitura, foi uma das preocupações dos organizadores soviéticos. Estes têm construído crèches maternidades e parques recreativos nas cidades e nos centros industriais.

Gracias a estas crèches, a mulher pode-se consagrar, sem inquietação, durante as sete horas da sua jornada, ao seu trabalho na fábrica no escritório ou no atelier. Ela poderá, porém, retornar os seus filhos à noite. Pelo menos todas as vezes que as obras culturais, reuniões, aulas, conferências, do club, do teatro, ou cinema, a não chamam.

Estes estabelecimentos estão abertos à noite. As trabalhadoras das brigadas de choque pode-

ram, como os seus companheiros, consagrar-se exclusivamente à sua tarefa social.

Para substituir o lar doméstico e a sopa fumegante, das ruas odiosas aos jovens comunistas que fazem disso o apanágio dos países capitalistas e de milhares de pequenos-burgueses, os soviéticos começaram a criar grades fábricas alimentícias, que lá se chamam "fábricas-cozinhãs". São ao mesmo tempo restaurants-cooperativas.

Estes estabelecimentos são imensas construções, de estilo modernista, com grandes vitrais de todas as cores, em todos os lados, verdadeiras casas de vidro com grandes escadarias parqueteradas, vastas salas de restaurant com decorações variadas, umas côr de rosa para as crianças, outras verde para os adultos, uma outra com baixos relevos. As mesas estão cobertas de placas de vidro.

Estas cozinhas fornecem diariamente 42.000 refeições; 10.000 consumidas neste lugar e o resto destinado às filiais.

Para que os operários não estejam sujeitos a longas jornadas, as fábricas-cozinhãs criaram-se ao mesmo tempo que os restaurants cooperativas, para poderem rapidamente, na hora do descanço, tomarem

OC
PCP

as refeições. Após a Revolução de Outubro, as crianças abandonadas eram inúmeras. Não se imagina a quantidade de garotos sórdidos, cheios de fome, asselvajados, bandos dos piores exploradores, sem família, ou desertores dos lares onde imperava o alcoolismo; estes jovens foram uma chaga das graves do regime.

Formaram-se comités que tentaram emendar estas "crianças-bandidas". Persuações, medidas de intimidação, tudo se malogrou ante a selvageria destes jovens anarquistas.

Então um delegado dos Soviets, animado do mais puro espírito tolstoiano, ensaiou um novo sistema - tratando todos os va-

bandos por camaradas, conduzindo-os a um campo afastado, num domínio abandonado onde funda, com eles, uma especie de creche.

Distribuiu-lhes os utensilios, e começou a adaptá-los ao trabalho, à vida em sociedade. Esta história da colônia de Balchevo, em 1924, instalada numa igreja nos arredores de Moscou, onde entraram primeiramente doze perigosos bandidos e criando os seus primeiros ateliers.

Há nestas casas de detenção rapazes de 13 a 20 anos que não mostram nenhum falsa vergonha, criminosos regenerados e crianças abandonadas. Eis um importante aspecto da vida russa



1936
JUNHO